

# NEGRO: O arcabouço da nossa raça!

(Homenagem ao Dia da Consciência Negra - 20 de novembro)

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO \*

Penso poder dizer que, no Brasil, o negro foi o arcabouço que afeiçãoou a nossa raça. A unidade nacional é também o resultado, juntamente com os nossos fatores religiosos e lingüísticos comuns, de uma dramática *invasão negra* que, com passividade e brandura de temperamento, possibilitou a dispersão das raças e homogeneização delas e, ainda, a estruturação econômica sobre a qual ainda nos apoiamos. Durante muito tempo foram eles que sustentaram, como vigorosas pilstras, o trono monárquico do país.

O negro permitiu a formação e estabilização das grandes propriedades agrícolas, o desenvolvimento da indústria do açúcar, da mineração do ouro e diamante e, finalmente, da agricultura do café, maiores fontes, sucessivamente, da economia nacional. Não só a sua passividade e bravura contribuíram, mas também o estado adiantado de sua cultura naquela época: na África, o negro já vivia a influência de uma cultura superior, com larga vantagem sobre o índio brasileiro. Eles já faziam culturas regulares, pastoreavam o gado e conheciam os meandros da siderurgia. Foi o negro que introduziu no Brasil o processo de redução do ferro pelos fornos de cuba (herança árabe introduzida no continente africano).

A resistência física dos negros, coitados, lhes foi explorada ao extremo, já na terrível viagem nos navios negreiros - popularmente chamado de *tumbeiros* (de *tumba, sepultura*) - onde um dentre cinco escravos embarcados morriam. A citada resistência continuou a ser explorada com trabalhos forçados de sol a sol nas lavouras de cana, minas de ouro e plantações diversas, invariavelmente expostos a castigos infames e ...ao banzo. Rugendas retratou na pintura "Castigos Domésticos" uma cena do cotidiano em que se pode observar a aplicação de castigos físicos aos escravos. Mais de três mil aquarelas, desenhos e esboços de Johann Moritz Rugendas compõem um magnífico registro visual da sociedade brasileira da primeira metade do século XIX. Os açoites iam de cinqüenta a duzentas chibatadas! Muitos não resistiam... A máscara de Flandres, a palmatória, o tronco, os ferros de marcar e outros tipos de suplício eram usados. Havia, como parte da violência, a humilhação, a fome e terríveis condições higiênicas e de moradia.

Quanto ao seu valor específico e ao grau de avanço intelectual, além da criação do gado e trabalho com metais, é mister acrescentar a arte culinária, a agricultura que eles já praticavam racionalmente como a da cana e do milho, sendo que os índios daqui já conheciam o milho, mas só o usavam cozido ou assado, ao passo que os africanos

já sabiam moer o fubá e utilizá-lo sob a forma de angu e outros mingaus. Ao indígena os negros ensinaram um pouco da língua portuguesa e até fundamentos de religião. O antropólogo Roquete Pinto (1884-1954), participante da Missão Rondon (1907/08), observou também que: ... *os movimentos, serções a dentro ou rio Amazonas acima, de negros fugidos, representam quase arrojo igual ao dos bandeirantes paulistas ou povoadores cearenses.*

Na agricultura eles introduziram métodos desconhecidos dos próprios portugueses e, para o trabalho em engenhos, os senhores preferiam os escravos de São Tomé, da costa africana, que já trabalhavam secularmente a cana nas suas ilhas de origem. Nas casas da moenda espremiam a cana no trapiche, fabricando açúcar, rapadura e aguardente.

Os escravos negros se dividiam em *Boçal* (cativo recém chegado da África), *Ladino* (africano já aculturado) e *Crioulos* (escravos nascidos no Brasil). Servindo aos senhores existiam os *escravos de ganho* que podiam usar paletó e chapéu, mas tinham de andar descalço - sinal da sua condição de escravo.

A nossa dieta está cheia de alimentos de origem africana: angu, vatapá, o azeite de coco de dendê, o camarão seco, a pimenta, o inhame, chuchu, o gerimum (abóboras diversas como o mogango, marimba, moranga...), o quiabo ou *quingombô*, etc. A Galinha de Angola, espécie meio selvagem, boa poedeira e de carne saborosa veio nos navios do tráfico, trazidas pelos negros, e aqui bem se adaptou. O colono português, de boa situação econômica, sempre se servia de um escravo ou escrava para sua cozinha; ainda hoje é grande a fama da boa culinária da Bahia, representada quase em sua totalidade pelas alegres negras baianas. Havia ainda as jovens e belas escravas que, escolhidas a dedo, freqüentavam a intimidade dos seus senhores, contribuindo para a miscigenação da raça. Com os negros veio o *sabão da Costa*, desconhecido dos portugueses, que o desdenhava pois devido a motivos religiosos, eram inimigos irreconciliáveis das qualidades sedativas dos banhos.

Bem mais alegre que o índio, o negro lançou seu espírito rumo às festas profanas e religiosas, enchendo-as de cantos, danças, música e coloridos laçarotes. O nosso samba veio do *quizomba*, dança angolana que floresceu do batuque e do lundum, e hoje já é uma expressão típica de nossa música. O amor pela música e pelo canto, que faz de cada brasileiro um cantor de modinhas (expressão genuinamente mestiça!) e de samba, é herança do negro escravo que nos deu gênios de grande talento artístico que espalharam e, até hoje, ainda espalham suas belas obras pelo país. A música deste país deve muito ao negro!

Nas relações sociais, a brandura cordial do negro introduziu alguns hábitos de grande ternura, como ainda persistia, até bem pouco tempo, entre os matutos do interior de nosso país, principalmente do Rio de Janeiro - os *mocorongs* - que se cumprimentavam com um aperto de mão, seguindo-se de um toque mútuo no ombro direito, finalizando com novo aperto de mão.

E as *amas-de-leite* ou *mães-pretas* que, com seus selos fartos, fazia crescer sadios os filhos dos senhores, que por um motivo ou outro, estavam privados do leite materno da *Siá Dona*? Aqueles meninos deviam conhecer mais o cheiro e o calor dessas escravas que o da própria mãe... eram mulheres que fendiam a sua boa alma escrava e abriam espaço afetivo para os filhos dos senhores, contando-lhes estórias.

Vejo, assim, que o elemento negro agiu e contribuiu eficazmente na estruturação social brasileira, agindo como se fosse uma viga na estabilidade de uma construção, dando linhas e homogeneidade à formação do povo brasileiro. Atualmente o negro ainda está aí, mas preso a um preconceito de cor, esperando por uma *segunda abolição*, procurando pelo eco dos *gritos palmarinos* de Zumbi, perdido por estes selvagens *quilombos urbanos*, procurando uma migração para o exercício da cidadania, muitos deles ainda complexados, expostos a outras formas ainda mais perigosas - porque "sutis" - de escravidão, sem poder aproveitar as condições mínimas de ascensão social. Todos os quilombos deixaram inscritos pelos caminhos do Brasil as trilhas da liberdade que precisam ser perseguidas nestes "nossos quilombos" atuais.

Já é hora de parar de manter o negro à margem do desenvolvimento de nossa pretensa civilização brasileira, que ele mesmo ajudou a levantar. Quando o Brasil já comemorou os 500 anos de seu "descobrimento", com uma história repleta de avanços e retrocessos, e está, também, procurando uma presença que seja marcante no cenário internacional (na fila dos mais fortes culturalmente, retirando também o pé do atraso sócio-econômico), é preciso fazer o reconhecimento identitário de nossa cultura social e étnica, pela qual o negro, juntamente com as outras raças, contribuiu vultuosamente. O notável Francisco Iglésias, do alto de sua autoridade de conhecedor da História, certa vez observou: "as grandes datas impõem balanços e projetos."

Não estaria, então, na hora de promovermos já esta *segunda abolição*, descobrindo a nós mesmos como povo e nação? É preciso o despertar uma consciência crítica ao nosso povo, ampliando o nosso sonho de sermos todos cidadãos.

\* Presidente do IHG e membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural.

Jornal Tribuna Sanjoanense

(São João del-Rei - MG, ano XXXII, edição 1048, 28 de novembro de 2000)